

MOREIRA, Cláudia Regina Baukat Silveira; VASCONCELOS, José Antônio. Como ensinar história. In: **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de história**. Curitiba: ibpex, 2007, PP. 33-62.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas. In: **Anais do XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH**, Londrina-PR, 2005, p. 1-8. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.0477.pdf>. Acessado em: 08 de julho de 2013.

PESAVENTO, Sandra Jathy. **História & Literatura: uma velha-nova história**. História Cultural do Brasil – Dossiê História Cultural do Brasil, 2006. Disponível em: <http://nuevo.mundo.revues.org/1560>. Acessado em: 18 de abril de 2013

ROGER, Chartier. Debate: Literatura e História. Rio de Janeiro: Topoi, 1999, nº 1, pp. 197-216. In: **Revista Topoi**. Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi01/01_debate01.pdf. Acessado em: 10 de abril de 2013.

CYBERBULLYING, DISCURSOS DE ÓDIO E O ENSINO DE HISTÓRIA NA ATUALIDADE

Cicero Anderson de Almeida Bezerra

Universidade Regional do Cariri – URCA

candbez@hotmail.com

RESUMO

O cyberbullying ou bullying virtual é um fenômeno contemporâneo, associado ao surgimento da internet e se caracteriza pelo uso das tecnologias como recurso para a adoção de comportamentos deliberados, repetidos e hostis, de um indivíduo ou grupo, que pretende causar danos a outro(s). Esses espaços virtuais tem sido utilizados por pessoas ou grupos para difamação de outras e se tornado um ambiente propício para disseminar o ódio. As demonstrações de intolerância à diversidade nas redes sociais vão desde comentários racistas, homofóbicos, xenófobos e sexistas até ameaças de morte ou desejo explícito de que isso aconteça a pessoas em particular ou determinados grupos que pensam ou se posicionam ideologicamente diferente. A escola é um espaço diversificado e conflituoso e as aulas de história apresentam-se como um espaço bastante oportuno para o debate sobre essas e outras questões, considerando-se o caráter problematizador da disciplina.

Palavras-chave: Cyberbullying; Discurso de ódio; Ensino de História.

INTRODUÇÃO

O bullying é um fenômeno bastante discutido nos dias atuais. Não se trata de um evento novo, pois a violência que o caracteriza sempre existiu. Não se resume ao ambiente escolar, está presente em todos os lugares onde existem relações interpessoais.

Muitas vezes é na escola onde ele se desenvolve de maneira mais perversa entre alunos e professores. É mais comum entre os adolescentes, mas também está presente entre crianças e adultos. O bullying é uma violência que pode se caracterizar por agressão física, moral ou psicológica e pode ter consequências que vão desde problemas de autoestima ao suicídio.

A palavra bullying é de origem inglesa e adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão. Entendemos por bullying o comportamento premeditado de maneira sistematizada de um indivíduo ou grupo em relação a outros, com a intenção de ferir, intimidar, ofender, discriminar, humilhar, perseguir ou amedrontar com ações sistematizadas.

Nos últimos anos, a prática do bullying tem ganhado grande repercussão social nos meios de comunicação e nas redes sociais a nível mundial. No Brasil, as autoridades têm voltado a sua atenção para esse fenômeno, levando a entidades como o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) a editar cartilhas esclarecendo o assunto.

O bullying é um termo ainda pouco conhecido do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma „natural“, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. (CNJ, 2010, p. 07).

A adoção universal do termo bullying foi decorrente da dificuldade em traduzi-lo para diversas línguas. De acordo com LOPES (2005), o fenômeno começou a ser estudado na Suécia, na década de 1970. No cenário brasileiro, foi, sobretudo, na década de 1990 que o bullying passou a ser discutido, mas foi, a partir de 2005, que o tema passou a ser objeto de discussão em artigos científicos (p.164).

O bullying pode se manifestar através de apelidos, xingamentos, humilhações, agressões verbais, psicológicas ou físicas. Ele consegue ser sutil, grosseiro, momentâneo

ou duradouro; simples ou até sofisticado tecnologicamente. No campo virtual, esse tipo de manifestação é comumente chamado de bullying virtual ou cyberbullying.

As tecnologias da informação e comunicação trouxeram novas formas de interação entre as pessoas e provocaram mudanças significativas nas formas de se comunicar e se relacionar. Grandes distâncias geográficas foram diminuídas pelo uso da comunicação pela internet, mas parece que as pessoas estão perdendo a capacidade de interação com as que estão mais próximas do seu convívio. Parece que as pessoas tem conversado cada vez menos umas com as outras quando estão no mesmo espaço.

O acesso, compartilhamento e produção de informação nos dias atuais se intensificou e, qualquer indivíduo com acesso à internet, é capaz de produzir conteúdo de entretenimento, educacional ou de opinião e compartilhá-los para que outras pessoas possam vê-lo.

O cyberbullying ou bullying virtual refere-se ao uso dessas tecnologias (blogs, e-mails, telefones celulares, fotos digitais, sites pessoais difamatórios, ações difamatórias online em redes sociais como o Facebook, Instagram e Twitter etc.) como recurso para a adoção de comportamentos deliberados, repetidos e hostis, de um indivíduo ou grupo, que pretende causar danos a outro(s).

Em sua definição o bullying (violência verbal, física entre outras, que seja intencional e repetitiva) ocorre no mundo real, enquanto o cyberbullying no mundo virtual, os agressores se encontram no anonimato, utilizando-se de nomes falsos, apelidos ou ainda se fazendo passar por outras pessoas. Sua ocorrência se dá através de e-mails, torpedos, blogs ou MSN, onde os agressores espalham rumores sobre as vítimas ou seus familiares, ou ainda em através do Orkut onde as vítimas são excluídas ou expostas de forma vexatória (FANTE; PEDRA, 2008, p. 34).

Esses espaços virtuais, além de estarem sendo utilizados por pessoas ou grupos para difamação de outras, tem se tornado um ambiente propício para destilar ódio em relação a grupos específicos como: gays, pobres, nordestinos, mulheres, negros, indígenas, movimentos sociais, dentre outros. Numa tentativa de deslegitimação das lutas históricas travadas por esses grupos.

As demonstrações de intolerância à diversidade nas redes sociais vão desde comentários racistas, homofóbicos, xenófobos e sexistas até ameaças de morte ou desejo explícito de que isso aconteça a pessoas em particular ou determinados grupos que pensam ou se posicionam ideologicamente diferente.

O discurso de ódio compõe-se de dois elementos básicos: discriminação e externalidade. É uma manifestação segregacionista, baseada na dicotomia

superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor. A fim de formar um conceito satisfatório, devem ser aprofundados esses dois aspectos, começando pela externalidade. A existência do discurso de ódio, assim toda expressão discursiva, exige a transposição de ideias do plano mental (abstrato) para o plano fático (concreto). Discurso não externado é pensamento, emoção, o ódio sem o discurso; e não causa dano algum a quem porventura possa ser seu alvo, já que a ideia permanece na mente de seu autor. (SILVA, NICHEL, MARTINS, BORCHARDT, 2011, p.447)

Na perspectiva de GLUSKSMANN (2007), a explicitação do discurso do ódio não é algo neutro ou sem direção, muito pelo contrário, “ele escolhe cuidadosamente tudo aquilo que adora e que abomina, a fim de detestar ainda mais e encontra meios de odiar sem trégua e sem fim”. Esse alvo pode ser a mulher, o negro, o homossexual, o judeu, o estrangeiro, ou seja, aquele que, numa lógica padronizadora, é visto como diferente ou desviante ou imoral ou demoníaco. (p.266)

O isolamento, o suposto anonimato e a ausência de um interlocutor presencial no momento de construir raciocínios argumentativos para serem publicados e compartilhados nas redes sociais, manifestam um discurso construído que replica e radicaliza os conflitos da realidade social de maneira elaborada e sistematizada.

Com seus ornamentos tradicionais – raiva, cólera, bestialidade, ferocidade – dos quais ele exhibe um arsenal completo, o ódio acusa sem saber. O ódio julga sem ouvir. O ódio condena a seu bel-prazer. Nada respeita e acredita encontrar-se diante de algum complô universal. Esgotado, recoberto de ressentimento, dilacera tudo com seu golpe arbitrário e poderoso. Odeio, logo existo (GLUSCKSMANN, 2007, p. 12)

Para GLUCKSMANN (2007), o ódio não é um fenômeno irracional, restrito ao campo dos sentimentos obscuros, mas sim um “discurso”, ou seja, mesmo que não resista a contra-argumentos ou que não apresente razões suficientes para sua própria manutenção, o ódio é uma expressão articulada, intencional e preparada por meio de uma linguagem verbal. (p.15)

As intimidações, a coerção e as ameaças feitas nos perfis públicos a todo instante, revelam um ódio extremo, um total desrespeito a qualquer forma de pensar diferente. Basta se posicionar favorável ou desfavoravelmente a algo ou alguém para imediatamente virar alvo de agressões morais que podem se materializar no mundo físico, culminando inclusive com a sua morte. Como se não bastasse, no mundo virtual, nem sempre o agressor pode ser identificado, pois muitas vezes se trata de um perfil fake, o que acaba dificultando uma investigação ou até mesmo a punição de quem comete o crime.

Segundo Pinheiro (2008), são inúmeras as dificuldades por parte daqueles que investigam, pois muitas vezes não possuem o preparo necessário para utilizar as novas tecnologias e isso se agrava quando aquele que dissemina o ódio age no anonimato.

Entre esses obstáculos tem-se a questão do anonimato, os múltiplos endereços de um mesmo sítio, a criação de perfis pessoais falsos e de comunidades com fórum fechado, ao que se somam as dificuldades em virtude do despreparo dos agentes investigadores quanto aos usos das novas tecnologias. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de adequação, de “flexibilidade de raciocínio” (PINHEIRO, 2008, p. 35)

As redes sociais, pensadas como instrumentos de aproximação das pessoas, demonstram também ser um espaço de intolerância, divisão e segregação, distanciando cada vez mais quem já está longe ou aqueles que estão próximos, à medida que exercitamos a nossa liberdade de expressão para difundir o ódio. Temos vivido a nível planetário uma guerra virtual sem nenhuma razão explícita, com causas diversas e consequências inimagináveis.

A intolerância coloca-se antes de qualquer doutrina. Nesse sentido, a intolerância tem raízes ideológicas, manifesta-se entre os animais como territorialidade, baseia-se em relações emotivas muitas vezes superficiais – não suportamos os que são diferentes de nós porque têm a pele de cor diferente, porque falam uma língua que não compreendemos, porque comem rãs, cães, macacos, porcos, alho, ou porque se fazem tatuar... (ECO, 2001, p.114)

No Brasil, durante o processo que culminou com o impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016, parece ter se intensificado nas redes sociais as manifestações de ódio fundamentadas por tendências ideológicas divergentes. De um lado estavam os que afirmavam se tratar de um golpe, do outro, os que defendiam a saída da presidente eleita democraticamente, atribuindo ao PT – Partido dos Trabalhadores, o mérito pela corrupção histórica vivida no país.

A grande mídia, posicionada de maneira tendenciosa e imparcial aprofundou essas diferenças, criando assim o cenário perfeito para o público se digladiar. Surgiram então, das catatumbas da velha política conservadora brasileira, candidatos extremistas e fundamentalistas como Jair Bolsonaro do PSC – Partido social Cristão, com suas falas preconceituosas e contraditórias, trazendo a tona discursos retrógrados que pareciam estar superados e despontando como o nome certo para ocupar o cargo de próximo presidente.

Conforme Silva et al. (2011) precisa ser externalizado pelo emissor para ser caracterizado como tal: “O discurso de ódio compõe-se de dois elementos básicos: discriminação e externalidade. É uma manifestação segregacionista, baseada na

dicotomia superior (emissor) e inferior (atingido) e, como manifestação que é, passa a existir quando é dada a conhecer por outrem que não o próprio autor.”(p.447)

Nos centros dos debates, associados ao seu nome estão todos os tipos de intolerância e discursos repugnantes e absurdos que se possa imaginar. O que é espantoso é perceber que entre os jovens sua aceitação é muito grande. Parte deles o idolatra. Quando se evoca o nome do tal político, é muito comum vir acompanhado do termo mito. Entre aqueles que não simpatizam com a postura de Bolsonaro, há os que o comparam com Adolf Hitler, fazendo uma analogia ao nazista alemão.

No período em que iniciava a escrita desse texto, um colega de sala do Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Regional do Cariri – URCA, fez um comentário numa postagem feita pela *History*¹ na sua página no Facebook. Exatamente no dia 30 de abril de 2018. A mensagem postada na fanpage do canal mencionado fazia referência ao aniversário de morte de Hitler. Na ocasião o usuário em questão escreveu o seguinte comentário: *“Ele está no Brasil, mas mudou de identidade. Hoje ele se chama Bolsonaro. kkkkkk”*.

Menos de uma hora após o comentário feito, já haviam mais de 200 outros relacionados ao seu, com ofensas que buscavam atingi-lo moralmente, com provocações que iam desde a sua orientação sexual, sua naturalidade, desempenho profissional à desejos do tipo: *“Se Bolsonaro for eleito, tomara que ele faça com os petistas, esquerdotapas e petralhas o que Hitler fez com os judeus na Alemanha.”*

Para Brugger (2007) “a maioria das definições, o discurso do ódio refere-se a palavras que tendem a insultar, intimidar ou assediar pessoas em virtude de sua raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo ou religião, ou que têm a capacidade de instigar violência, ódio ou discriminação contra tais pessoas.” (p.118)

No Brasil tem sido corriqueiro esse tipo de manifestação nas redes sociais. Uma parte considerável dos que usam a internet para disseminar o ódio são jovens em idade escolar. Não é a toa que tem crescido consideravelmente as notícias envolvendo alunos e professores envolvidos em casos de cyberbullying e discursos de ódio. O que é bastante

¹ *History* é um canal de televisão por assinatura americano cuja programação é focada essencialmente em conteúdos de teor histórico e científico, abordando também temas atuais de relevância. Há muitas críticas em relação as suas produções por parte de historiadores no mundo todo.

preocupante. E isso ficou ainda mais evidente a partir de 2013 e intensificou-se em anos eleitorais.

De acordo com a legislação brasileira, promover a divulgação do nazismo, seus símbolos para a sua promoção, assim como a prática do racismo que é a ofensa, discriminação, intimidação e ameaça ao outro pelo fato de ter outra raça ou etnia, em qualquer meio ou forma de comunicação, são crimes. Mas há uma grande diferença entre liberdade de expressão e discurso de ódio. E como o discurso de ódio não tem previsão legal, não tem uma lei que o define, o emissor manifesta suas opiniões odiosas muitas vezes utilizando o direito à livre liberdade de expressão como proteção ao seu discurso

Se há alguns séculos a propagação de ideias se restringia a um público pequeno, letrado e próximo, hoje essa divulgação alcança um espectro muito mais amplo de pessoas, devido à evolução dos meios de comunicação. Com o advento da internet, existem inúmeras possibilidades de se compartilhar mensagens de ódio. Seja através de um meme, um áudio, um vídeo, uma charge, ETC.

O discurso de ódio tem o objetivo de atingir minorias sociais para que não sejam vistas com os mesmos direitos garantidos à maioria dominante do poder. Essas minorias tornam-se vítimas de preconceito, discriminação, exclusão e, em alguns casos extremos, de violência física. O discurso funciona como um vetor para essa violência, estimulando e replicando a mensagem contra seus alvos para que abandonem o espaço do debate público, cerceando sua representatividade.

As ações de ódio nas redes sociais estão alcançando uma visibilidade cada vez maior. Se por um lado isso amplia o debate de ideias, por outro lado, pode conquistar adeptos a compartilhar e apoiar esses ideais. Durante as eleições de 2018, o que pudemos observar foi que muitas vezes quem não tinha coragem de expor seu pensamento, começou a se reconhecer nas falas do atual presidente, o que revela o quanto nós brasileiros somos conservadores e autoritários. O perigo do discurso de ódio está em sua manifestação no mundo real, sob a forma de atos violentos. Os discursos de ódio e as ideias fascistas precisam ser combatidas incansavelmente a todo instante, em todos os espaços, reais ou virtuais.

As aulas de história como espaço de construção da tolerância

Não é de hoje que ser professor de história se apresenta como um desafio. Mas isso ainda fica mais evidente quando se tem um chefe de Estado que deixa claro sua

posição autoritária e conservadora em suas redes sociais, e faz uso de uma narrativa que desqualifica os educadores, a educação e a disciplina histórica.

Não podemos desconsiderar que as mídias digitais e a internet trouxeram mudanças substanciais em todas as esferas da vida humana, inclusive a escola e sua produção curricular. As relações humanas, no ambiente familiar e escolar foram fortemente impactadas com o uso das redes sociais por um público cada vez mais precoce.

Nos dias atuais, embora uma grande parte das escolas estejam equipadas com computadores e conectadas a internet, estas parecem não saber lidar pedagogicamente com essas ferramentas. É muito comum no ambiente escolar os alunos serem proibidos de utilizar os laboratórios de informática das escolas sob a alegativa de que os mesmos interessam-se apenas pelo Facebook, por exemplo.

Nesses casos o professor acaba perdendo a oportunidade de construir com seus alunos formas alternativas de utilização desses espaços virtuais e de discutir situações relevantes como os preconceitos e os discursos de ódio que circulam nesses ambientes.

A escola é um lugar onde devemos aprender a respeitar e a valorizar as diferenças. As aulas de história podem e devem ser um espaço para desconstrução de preconceitos e de discursos intolerantes à medida que possibilita o contato com versões diferentes sobre um mesmo acontecimento e propõe o debate reflexivo acerca de novas possibilidades de encarar como os processos se dão.

Nas aulas de história, bem como nas demais disciplinas, é possível repensar o impacto das tecnologias nas novas gerações e nas formas de se comunicar, sem deixar de lado valores como a tolerância e o respeito. Precisamos encontrar os caminhos de entendimento para a construção de paradigmas éticos, seja no mundo real ou virtual, reforçando a necessidade de aceitação ao outro e ao que ele pensa.

No mundo online, convergem práticas sociais distintas: informação e entretenimento; trabalho e lazer; local e global; público e privado; discurso do ódio e discurso respeitoso das diferentes posições. Nessa convergência, faz-se necessário e urgente formar jovens capazes de ler criticamente as mensagens encontradas nas mídias sociais, não somente as que são apresentadas em texto escrito, mas também em audiovisual, imagem, música, animação ou hipertexto. As novas gerações demandam o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico, exercendo habilidades de produção criativa, mas sempre com respeito à opinião dos demais (DANIELS, 2008; JENKINS, 2009)

O exercício da tolerância em sala de aula surge, então, como resposta contra a ignorância, a intolerância e o discurso do ódio à diferença. Sendo assim, é fundamental

que ao tratarmos de tolerância, pensemos na natureza, nas causas e nas consequências da intolerância e dos discursos de ódio, de modo a problematizar os fenômenos e analisá-los de modo crítico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço escolar é marcado pela diversidade. O bullying vivenciado na escola tem formas variadas e não é difícil ser identificado. Suas causas podem ser diversas, podendo estar relacionadas a questões variadas como: altura, peso, cor da pele, religião, sexo, orientação sexual, classe econômica, jeito de se vestir, Etc.

Como se não bastassem os conflitos existentes no interior da escola, motivados por fatores internos e externos diversos, temos visto crescer nos últimos anos os embates nos ambientes virtuais e que acabam adentrando o universo da escola, por envolver sujeitos escolares.

Com o advento das novas Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs, uma nova forma de bullying, conhecida como cyberbullying, tem sido observada com uma frequência cada vez maior no mundo. Nos anos 2000, os conflitos e discursos de ódio na internet tem se propagado significativamente e sido pauta de debates em diversos espaços.

Mas, parece que a escola tem ignorado essa realidade ou não tem lhe dispensado a atenção necessária. Precisamos convencer os jovens da importância de reconhecer a diferença como um valor legítimo para as sociedades multiculturais, tanto a de opinião quanto a das diferentes identidades que dignamente nos constituem como seres humanos.

Se somos capazes de aprender a odiar uns aos outros e demonstrar isso com tanta intensidade no mundo físico e virtual, temos a capacidade de reconhecer que precisamos reaprender a nos aproximar uns dos outros e encontrar esses caminhos de tolerância frente a violência cotidiana.

As redes sociais, a escola, as aulas de história e o professor podem contribuir nesse aprendizado. Uma mudança de paradigmas se faz urgente e necessária. As aulas de história devem ser um espaço de debate e combate a intolerância. O professor deve ser o agente que mediará os conflitos existentes e a sala de aula o espaço para a construção da tolerância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELEZA, Alfredo. **Infográfico: a história das redes sociais. Idealizado pela Online Schools**, adaptado e traduzido pela Tech&Net. 2011. Disponível em: <<http://www.techenet.com/2011/04/historia-das-redes-sociais-infografico-em-portugues/>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

CHELIKANI, Rao U.B.J. **Reflexões sobre a tolerância**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Bullying: cartilha 2010 – projeto justiça nas escolas**. Brasília: FMU, 2010. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000014963.pdf>>. Acesso em 07 de maio de 2018.

COSCARELLI, Crislaine. **O fenômeno orkut**. Universia Brasil. Disponível em: <<http://www.universiabrasil.net/materia.jsp?materia=4401>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

COSTA, Rogério da. Porto **um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo? Prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. São Paulo: Itália Nova, 2004.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FANTE, Cleodilice Aparecida Zonato; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FONSECA, Carlos Alexandre Martins. Cartografias do self no facebook. **Dissertação de Mestrado em Sociologia**. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal. 2010. Disponível em: <<https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/14375/1/Tese%20Alexandre%20Final.pdf>>. Acesso em: 25 jun, 2019.

GLUCKSMANN, André. **O discurso do ódio**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

LOPES, A. A., Neto. (2005). **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes**. Jornal de Pediatria, 81(5), 164-172.

JORNALISTA. Censo 2010. Iboop Net Ratings. Disponível em: <www.ojornalista.com.br>. Acesso em: 27 jun. 2018.

LOPES NETO, Aramis Antonio; SAAVEDRA, Lucia Helena. **Diga não para o bullying:**

programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA. 2003.

SILVA, Rosane Leal da, NICHEL, Andressa, LEHMANN, MARTINS, Anna Clara e BORCHARDT, Carlise Kolbe. In: **Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira.** Revista Direito GV, São Paulo. 7(2) | p. 445-468 | jul-dez 2011

A RESISTÊNCIA NEGRA CONTRA A ESCRAVIDÃO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: POSSIBILIDADES DE ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DE “CUMBE” E “ANGOLA JANGA: UMA HISTÓRIA DE PALMARES”, DE MARCELO D’SALETE.

Cícero Soares Varela
URCA/PROFHISTÓRIA
cs.varela77@gmail.com

RESUMO

Este artigo, parte de uma pesquisa em andamento no programa do ProfHistória–URCA, objetiva apresentar perspectivas de ensino de História, a partir das HQs *Cumbe* (2018) e *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017), de Marcelo D’Saletete. Assim, partindo da análise das HQs, seguida de breve estudo bibliográfico, trata-se de estabelecer pontos que permitem abordar a temática da resistência negra contra a escravidão, em sala de aula. Na perspectiva teórico-metodológica, visando explorar a relação História em Quadrinhos e História, a narrativa gráfica foi compreendida através dos elementos propostos por alguns autores como Vilela e Vergueiro (2006) para refletir sobre o seu uso didático. Para efeito de discussão, o artigo está dividido em duas seções. Na primeira, realizou-se a contextualização da escravidão na América portuguesa, destacando-se a resistência negra. Na segunda, procurou-se estabelecer a compreensão das HQs a partir do arcabouço teórico da Aprendizagem Histórica (RÜSEN, 2012).

Palavras-chave: Ensino de História; Aprendizagem Histórica; Resistência Negra; Escravidão; História em Quadrinhos.

INTRODUÇÃO